

Secretaria adotou proposta em SP

LEONARDO TREVISAN

O consultor educacional e diretor do Colégio São Domingos, João Carlos Martins, explica a "avalanche socioconstrutivista" no universo escolar pela adoção desse tipo de orientação por parte da Secretaria da Educação. Essa escolha serviu como "referência para a escola privada".

Segundo o consultor, a secretaria optou pelo socioconstrutivismo porque a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) determinou que o trabalho docente deve estar centrado em três tipos de conteúdo: o conceitual (o que é ensinado ao aluno), o "atitudinal" (o desenvolvimento de valores) e o "procedimental" (o clássico "aprender a aprender"). Para atender a essas exigências da lei, segundo o consultor, há três opções: o construtivismo, o sociointeracionismo e o socioconstrutivismo.

Martins reconhece que essa opção pedagógica se transformou em tábua de salvação para a sustentação pedagógica das escolas, usada como solução para todos os problemas em sala de aula. Só

que essa orientação não é um método que oferece receita líquida e certa para todos os problemas educacionais: "É apenas um caminho que ajuda a refletir sobre como se constrói o conhecimento", diz o consultor.

Martins enfatiza que o professor não é mais quem oferece conhecimento, obrigando-se a redefinir seu papel como "grande mediador" entre o saber e o aluno, base do socioconstrutivismo. Martins diz que cada escola entende essa mudança "do seu jeito". Muitas

vezes, ressaltam, "nem a escola conhece a linha que acredita estar usando". Tentar moldar tudo o que acontece na sala de aula "em camisa de força construtivista" é "inútil pasteurização geral".

Com as mudanças que estão ocorrendo, a sala de aula passou a ser o laboratório em que "se ensina a fazer", porque, segundo Martins, o mercado de trabalho e o vestibular "pedem isso também".

O pai vai perceber, "com o tempo", que não é a quantidade e sim a qualidade do conhecimento que atende a essa exigência.

SALA DE AULA
É LABORATÓRIO
ONDE SE
ENSINA A FAZER